

The background of the image is a dark, atmospheric scene with a reddish-brown hue. It depicts a group of hooded figures, similar to 'hackers' or 'netizens', in a dimly lit space. In the foreground, a figure is seen from behind, sitting at a desk and working on a laptop. The laptop screen displays a webpage with text and a search bar. The background is filled with glowing, semi-transparent rectangular windows and lines, suggesting a complex digital network or data center. The overall mood is mysterious and technological.

**AÇÃO
POLÍTICA
DIGITALMENTE
MEDIADA E
ATIVISMO
DIGITAL**

Espaços: relações de poder

a cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala aos seus habitantes, nós falamos a nossa cidade, a cidade onde nós nos encontramos simplesmente quando a habitamos, a percorremos, a olhamos. (BARTHES, 1987, p.187 apud CAMPOS, 2011, p. 18)



A CIDADE E O ESPAÇO PÚBLICO

- locais de produção cultural e estética (YOUNG, 2014);
- “IDENTIDADE” DA CIDADE: relações socioculturais que singularidades múltiplas estabelecem em seu interior;
- O espaço “é um mosaico identitário, que transforma a cidade num vasto campo de retalhos carregados de significado e conflitos simbólicos. A disputa pelo espaço é uma competição de signos e identidades, um confronto de poderes que assume uma dimensão simbólica (CAMPOS, 2010, p. 400).”
- cidade tem como prevalência relações de segregação, divisão, exclusão, ameaça e limites (Watson, 2006)



ORDEN NO ESPAÇO

- como uma tentativa falha de ordenar esse espaço, o Estado ou a autoridade, ao longo do desenvolvimento das cidades, **“multiplicaram investimentos urbanos opressores, políticas que segregaram as ‘classes perigosas’, silenciaram as subjetividades populares e estigmatizam as massas trabalhadoras”** (CAMPOS; DIÓGENES; ECKERT; 2016, p. 12).
- a fabricação de uma cidade voltada para o consumo e para uma gentrificação urbano
- espaço público como lugar de consumo visual - lógica de espetáculo
- a presença visual se confunde com a presença política das autoridades ou dos atores que a ela desafia

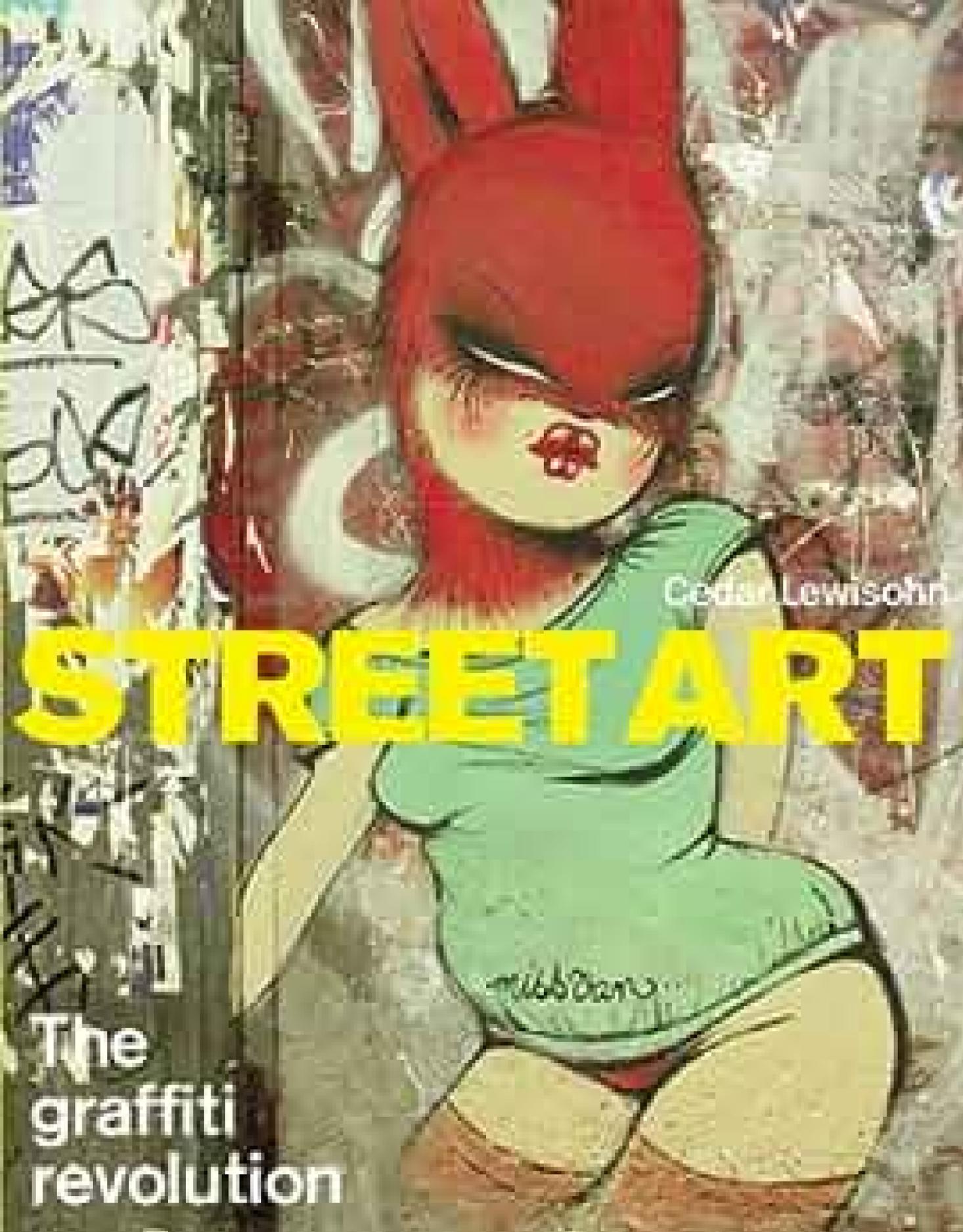






168

RAGGY



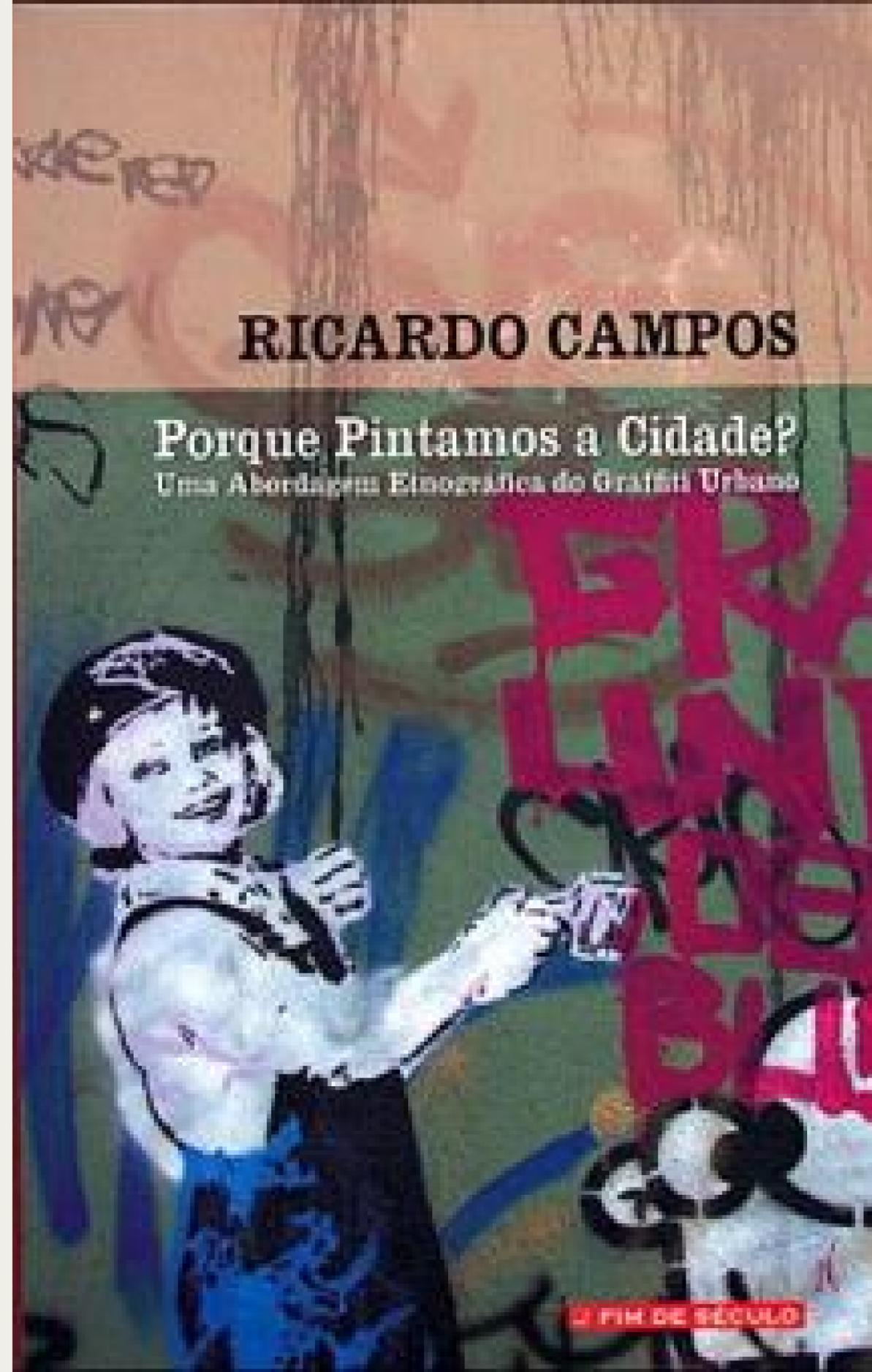
Cedar Lewisohn

STREET ART

The graffiti revolution



lugar estrategicamente usado pelo poder político como espaço de exposição mas, igualmente, de vigilância; inteligentemente usado pelo poder económico para propagandear bens e serviços; tacticamente empregue pelo contra-poder para disseminar slogans subversivos. (CAMPOS, 2011, p. 15)



ABAIXO A DITADURA

FORA DITADURA



E o digital?

- Lógicas semelhantes: presença de diferentes sujeitos + ordenação do poder;
- Parede 2.0 (LI; PRASAD, 2018): novas possibilidades de presença e tensionamento
- Metáfora do espaço público (Ciber-espaço)



A UTOPIA

Foruns, sistemas de boletim, listas de e-mails e salas de bate-papo: novas formas de sociabilidade

Emergência de discursos sobre
DEMOCRACIA DIGITAL



DEMOCRÁCIA DIGITAL?

- Sistemas usados por poucas pessoas - Experiências eufóricas com novas formas de sociabilidade
- Homogeneidade social (grupos bem definidos, navegação por interesses ex. cientistas, ativistas)
- Recriar a atmosfera de uma pequena cidade X Recriar a esfera pública
- Forte sentimento de pertencimento
 - Capacidade de votar ou agregar suas preferências
 - Expressar sentimentos e ideias
- Afastamento de uma democracia representativa - Democracia direta
- Ideia de auto-expressão (autodeterminação e Sentimento libertário)
- Suspeita das autoridades
- Liberdade de expressão como forma de recuperação da autenticidade
- Pensamento utópico baseado nas poucas experiências do período (restrito, grupos jovens, majoritariamente de classe média)



MOVIMENTOS DE ATIVISMO DIGITAL: ORIGENS



Movimento Zapatista década de 1990

O movimento lutava por direitos indígenas, justiça social, autonomia local e democracia participativa. Eles usaram a internet para disseminar informações sobre suas demandas, experiências e ações. Isso permitiu que alcançassem uma audiência global e mobilizassem apoio internacional.



Occupy (somos 99%) década de 2010

O Movimento Occupy Wall Street foi um movimento de protesto que iniciou em setembro de 2011, na cidade de Nova York, e rapidamente se espalhou por outras cidades dos Estados Unidos e ao redor do mundo. Seu principal foco era a denúncia das desigualdades econômicas e sociais, especialmente a influência excessiva do setor financeiro e das corporações sobre a política e a economia. O movimento utilizou amplamente as redes sociais, como o Twitter e o Facebook, para coordenar protestos, disseminar informações e mobilizar pessoas.



Protestos no Oriente Médio década de 2010

Um movimento de protesto e revolta que varreu várias nações árabes na região do Oriente Médio e do Norte da África a partir de 2010. Esses protestos buscaram a mudança política, social e econômica, derrubando regimes autoritários e demandando reformas democráticas. Primavera Árabe ficou conhecida por seu extenso uso das redes sociais, como o Facebook, o Twitter e o YouTube, para organizar e mobilizar manifestantes. Essas plataformas permitiram que informações circulassem rapidamente, coordenando protestos em grande escala.



Jornadas de Junho década de 2010

As Jornadas de Junho no Brasil referem-se a uma série de protestos e manifestações que eclodiram em junho de 2013, inicialmente como uma reação ao aumento das tarifas de transporte público em várias cidades do país, mas que logo se transformaram em um movimento de alcance nacional com demandas diversas. As manifestações tiveram origem nas redes sociais, especialmente no Facebook e no Twitter, onde os protestos foram organizados e disseminados.

MÍDIA INDEPENDENTE

O Independent Media Center (Centro de Mídia Independente), também conhecido como Indymedia ou IMC, é uma rede global de coletivos de mídia independente e ativistas que se dedicam a relatar eventos e questões não cobertas pela mídia mainstream. O Indymedia tem suas raízes na década de 1990 e sua origem pode ser rastreada até o movimento de protesto global que ganhou destaque durante a Conferência da Organização Mundial do Comércio (OMC) em Seattle, em 1999.





O ORIENTE MÉDIO (UMA PRIMAVERA ÁRABE?)

A Revolução do Twitter?

Perspectiva tecnodeterminista (Utópica) - Hillary Clinton e outros ideólogos estadunidenses

Não considera o “repertório de comunicação”

Simplificação do fenômeno

Desconsidera as especificidades sociais, políticas e geográficas (Adequado X inadequado)

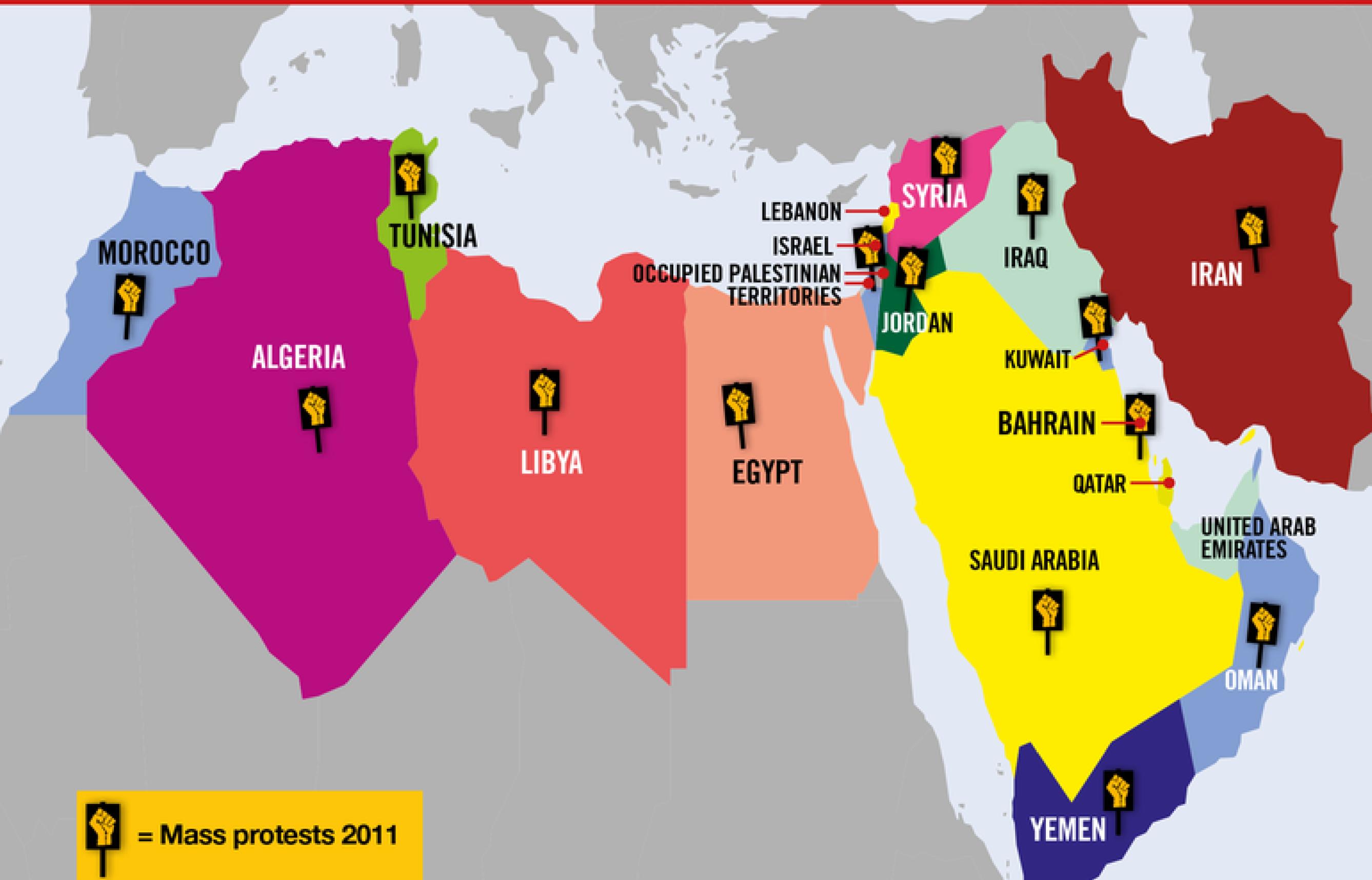
Coreografia

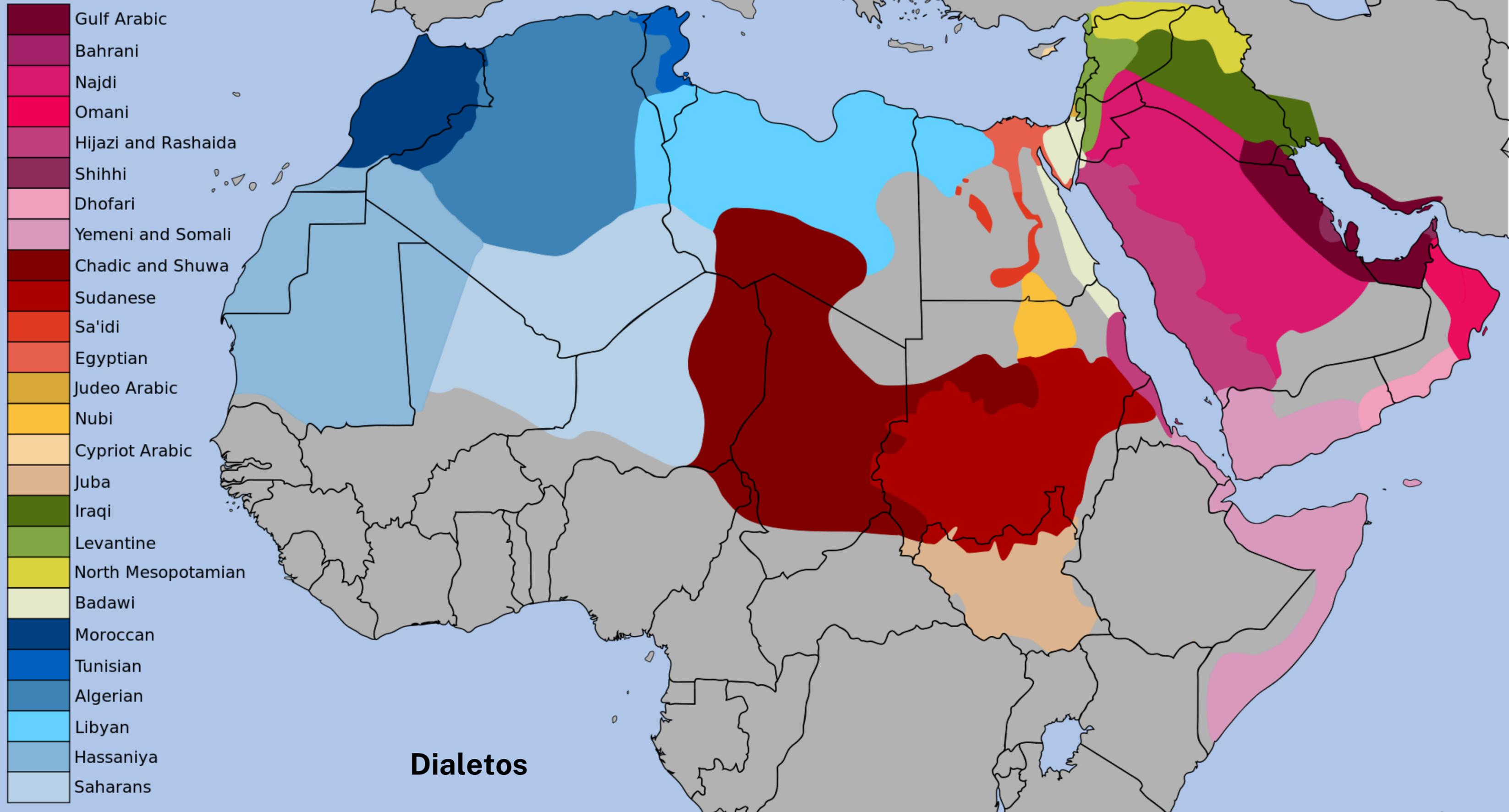
Associação das tecnologias digitais com técnicas de manifestações populares

Relação entre o espaço físico e o digital

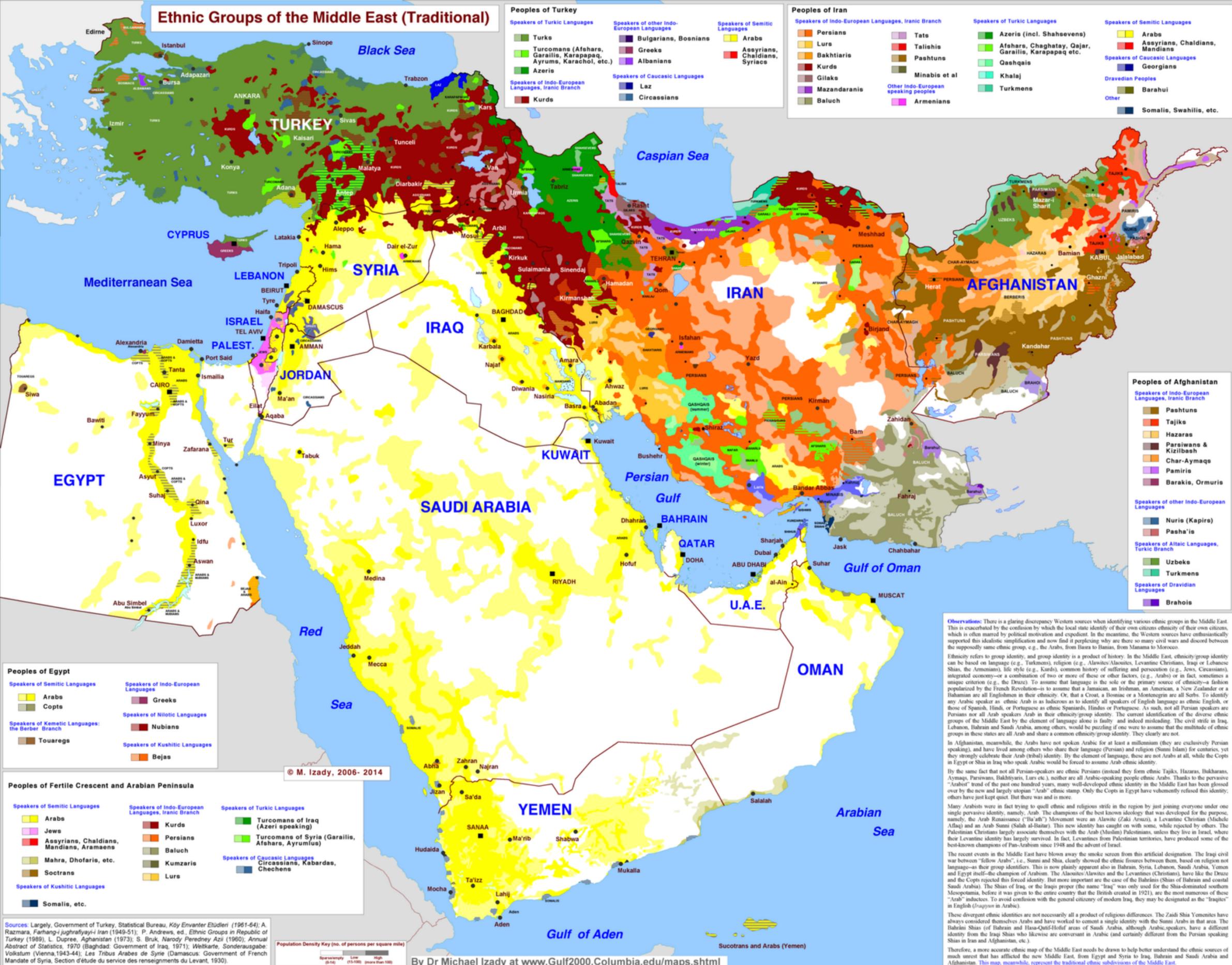


MIDDLE EAST & NORTH AFRICA





Ethnic Groups of the Middle East (Traditional)



Peoples of Turkey

- Speakers of Turkic Languages: Turks, Turcomans (Afshars, Garailis, Karapapaq, Ayrums, Karachol, etc.), Azeris
- Speakers of other Indo-European Languages: Bulgarians, Bosnians, Greeks, Albanians
- Speakers of Semitic Languages: Arabs
- Speakers of Indo-European Languages, Iranic Branch: Kurds
- Speakers of Caucasian Languages: Laz, Circassians
- Speakers of Semitic Languages: Assyrians, Chaldeans, Syrians

Peoples of Iran

- Speakers of Indo-European Languages, Iranic Branch: Persians, Lurs, Bakhtiariis, Kurds, Gilake, Mazandaraniis, Baluch
- Speakers of Turkic Languages: Azeris (incl. Shahsevans), Afshars, Chaghatay, Qajar, Garailis, Karapapaq etc., Qashqais, Khalaj, Turkmens
- Speakers of Semitic Languages: Arabs
- Speakers of Caucasian Languages: Tatis, Pashtuns, Minabis et al, Armenians
- Other Indo-European speaking peoples: Tate, Talishis, Pashtuns

Peoples of Semitic Languages

- Arabs, Assyrians, Chaldeans, Mandians
- Speakers of Caucasian Languages: Georgians
- Dravidian Peoples: Barahui
- Other: Somalis, Swahilis, etc.

Peoples of Afghanistan

- Speakers of Indo-European Languages, Iranic Branch: Pashtuns, Tajiks, Hazaras, Parsiwans & Kizilbash, Char-Aymaq, Pamiris, Barakis, Ormuris
- Speakers of other Indo-European Languages: Nuris (Kapirs), Pasha'is
- Speakers of Altaic Languages, Turkic Branch: Uzbeks, Turkmens
- Speakers of Dravidian Languages: Brahois

Peoples of Egypt

- Speakers of Semitic Languages: Arabs, Copts
- Speakers of Indo-European Languages: Greeks
- Speakers of Nilotic Languages: Nubians
- Speakers of Kushitic Languages: Touaregs, Bejas

Peoples of Fertile Crescent and Arabian Peninsula

- Speakers of Semitic Languages: Arabs, Jews, Assyrians, Chaldeans, Mandians, Aramaeans, Mahra, Dhofaris, etc., Soctrans
- Speakers of Indo-European Languages, Iranic Branch: Kurds, Persians, Baluch, Kumzaris, Lurs
- Speakers of Turkic Languages: Turcomans of Iraq (Azeri speaking), Turcomans of Syria (Garailis, Afshars, Ayrumius)
- Speakers of Caucasian Languages: Circassians, Kabardas, Chechens
- Speakers of Kushitic Languages: Somalis, etc.

Observations: There is a glaring discrepancy Western sources when identifying various ethnic groups in the Middle East. This is exacerbated by the confusion by which the local state identify their own citizens ethnicity of their own citizens, which is often marred by political motivation and expedient. In the meantime, the Western sources have enthusiastically supported this idealistic simplification and now find it perplexing why are there so many civil wars and discord between the supposedly same ethnic group, e.g., the Arabs, from Basra to Danias, from Manama to Morocco.

Ethnicity refers to group identity, and group identity is a product of history. In the Middle East, ethnicity/group identity can be based on language (e.g., Turkmens), religion (e.g., Alawites/Alaouites, Levantine Christians, Iraqi or Lebanese Shias, the Armenians), life style (e.g., Kurds), common history of suffering and persecution (e.g., Jews, Circassians), integrated economy—or a combination of two or more of these or other factors, (e.g., Arabs) or in fact, sometimes a unique criterion (e.g., the Druze). To assume that language is the sole or the primary source of ethnicity—a fashion popularized by the French Revolution—is to assume that a Jamaican, an Irishman, an American, a New Zealander or a Bahamian are all Englishmen in their ethnicity. Or, that a Croat, a Bosnian or a Montenegrin are all Serbs. To identify any Arabic speaker as ethnic Arab is as ludicrous as to identify all speakers of English language as ethnic English, or those of Spanish, Hindi, or Portuguese as ethnic Spaniards, Hindus or Portuguese. As such, not all Persian speakers are Persians nor all Arab speakers Arab in their ethnicity/group identity. The current identification of the diverse ethnic groups of the Middle East by the element of language alone is faulty and indeed misleading. The civil strife in Iraq, Lebanon, Bahrain and Saudi Arabia, among others, would be puzzling if one were to assume that the multitude of ethnic groups in these states are all Arab and share a common ethnicity/group identity. They clearly are not.

In Afghanistan, meanwhile, the Arabs have not spoken Arabic for at least a millennium (they are exclusively Persian speaking), and have lived among others who share their language (Persian) and religion (Sunni Islam) for centuries, yet they strongly celebrate their Arab (tribal) identity. By the element of language, these are not Arabs at all, while the Copts in Egypt or Shia in Iraq who speak Arabic would be forced to assume Arab ethnicity identity.

By the same fact that not all Persian-speakers are ethnic Persians (instead they form ethnic Tajiks, Hazaras, Bakharans, Aymags, Parsiwans, Bakhtiariis, Lurs etc.), neither are all Arabic-speaking people ethnic Arabs. Thanks to the pervasive "Arabist" trend of the past one hundred years, many well-developed ethnic identity in the Middle East has been glossed over by the new and largely utopian "Arab" ethnic stamp. Only the Copts in Egypt have vehemently refused this identity; others have just kept quiet. But there was and is more.

Many Arabists were in fact trying to quell ethnic and religious strife in the region by just joining everyone under one single pervasive identity, namely, Arab. The champions of the best known ideology that was developed for the purpose, namely, the Arab Renaissance ("Ba'ath") Movement were an Alawite (Zaki Aruzi), a Levantine Christian (Michele Aflaq) and an Arab Sunni (Salah al-Bitar). This new identity has caught on with some, while rejected by others. The Palestinian Christians largely associate themselves with the Arab (Muslim) Palestinians, unless they live in Israel, where their Levantine identity has largely survived. In fact, Levantines from Palestinian territories, have produced some of the best-known champions of Pan-Arabism since 1948 and the advent of Israel.

The recent events in the Middle East have blown away the smoke screen from this artificial designation. The Iraqi civil war between "fellow Arabs", i.e., Sunni and Shia, clearly showed the ethnic fissures between them, based on religion not language—as their group identifiers. This is now plainly apparent also in Bahrain, Syria, Lebanon, Saudi Arabia, Yemen and Egypt itself—the champion of Arabism. The Alaouites/Alawites and the Levantines (Christians), have like the Druze and the Copts rejected this forced identity. But more important are the case of the Baharaini (Shias of Bahrain and coastal Saudi Arabia). The Shias of Iraq, or the Iraqis proper (the name "Iraq" was only used for the Shia-dominated southern Mesopotamia, before it was given to the entire country that the British created in 1921), are the most numerous of these "Arab" inductees. To avoid confusion with the general citizenry of modern Iraq, they may be designated as the "Iraqites" in English (*Iraqiyun* in Arabic).

These divergent ethnic identities are not necessarily all a product of religious differences. The Zaidi Shia Yemenites have always considered themselves Arabs and have worked to cement a single identity with the Sunni Arabs in that area. The Baharaini Shias (of Bahrain and Hassa-Qatif/Hofuf areas of Saudi Arabia, although Arabic-speakers, have a different identity from the Iraqi Shias who likewise are conversant in Arabic (and certainly different from the Persian speaking Shias in Iran and Afghanistan, etc.).

Therefore, a more accurate ethnic map of the Middle East needs to be drawn to help better understand the ethnic sources of much unrest that has afflicted the new Middle East, from Egypt and Syria to Iraq, Bahrain and Saudi Arabia and Afghanistan. This map, *meanwhile*, represent the traditional ethnic subdivisions of the Middle East.

Etinias

Sources: Largely, Government of Turkey, Statistical Bureau, *Koy Evvanter Etidieri* (1961-64); A. Razmara, *Farhang-i jughrafiyai-Iran* (1949-51); P. Andrews, ed., *Ethnic Groups in Republic of Turkey* (1989); L. Dupree, *Afghanistan* (1973); S. Bruk, *Narody Peredney Azii* (1960); *Annual Abstract of Statistics, 1970* (Baghdad: Government of Iraq, 1971); *Wetkarte, Sonderausgabe: Vokatum* (Vienna, 1943-44); *Les Tribus Arabes de Syrie* (Damascus: Government of French Mandate of Syria, Section d'etude du service des renseignements du Levant, 1930).

Population Density Key (no. of persons per square mile)

By Dr Michael Izady at www.Gulf2000.Columbia.edu/maps.shtml

O ATIVISMO DIGITAL

“ O ativismo digital, entendido como um conjunto de formas de ativismo que se apoia no uso de mídias digitais de todos os tipos, é, na verdade, um fenômeno que antecede ao “movimento das praças” de 2011.

Gerbaudo, 2021, p. 23.



CAPITALISMO DE PLATAFORMAS

“Plataformas de mídia social, como Facebook e o Twitter, estavam apenas motivadas pelo lucro, buscando o maior número possíveis de usuários e o máximo possível de sua atenção e tempo. Porém, por sua vez, para que essas plataformas fossem atraentes e gerassem lucros, deveriam se apresentar como um espaço de liberdade de expressão, um lugar em que os usuários pudessem encontrar conteúdos alternativos e uma possibilidade de autoexpressão não disponível no sistema midiático existente.”

Gerbaudo, 2021, p. 25.



O QUE ESSES MOVIMENTOS TÊM EM COMUM?

Origem nas redes sociais: Os movimentos das praças têm sua origem nas redes sociais, como o Twitter, o Facebook e outras plataformas online. Eles muitas vezes começam com um evento, uma causa ou uma mensagem compartilhada online, o que leva à mobilização de apoiadores.

Horizontalidade: Esses movimentos frequentemente operam de forma horizontal, o que significa que não têm uma liderança forte ou hierarquia rígida. As decisões são tomadas coletivamente e os participantes têm igualdade de voz. (LÍDER X COREOGRAFO)

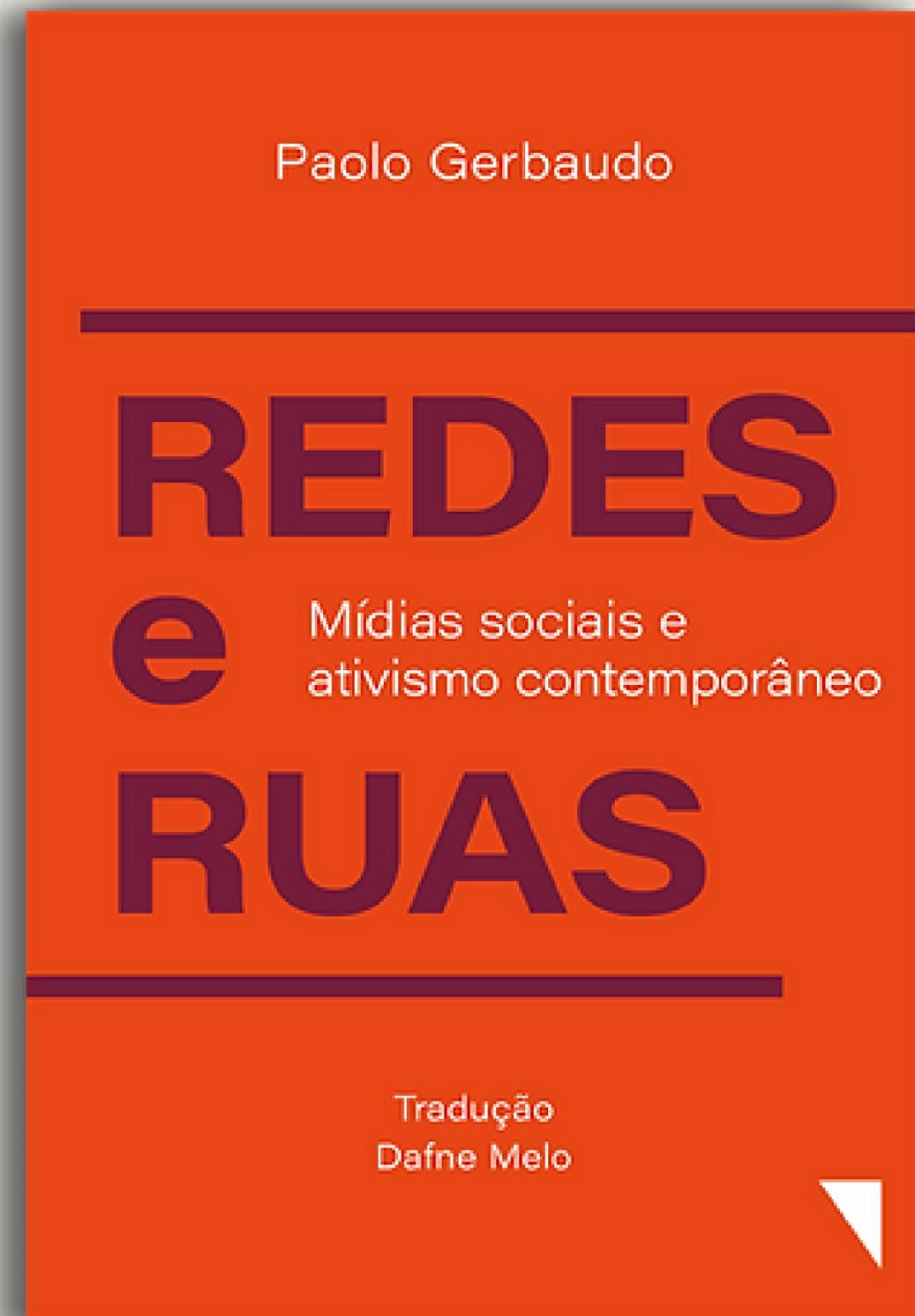
Descentralização: A descentralização é uma característica fundamental. Os movimentos não estão ligados a uma única localização geográfica e podem ocorrer em várias cidades e países ao mesmo tempo (PAUTAS DISTINTAS).

Uso criativo da tecnologia: Os ativistas usam a tecnologia de maneira criativa para coordenar ações, compartilhar informações e documentar eventos. Isso inclui o uso de hashtags, transmissões ao vivo, fotos e vídeos compartilhados nas redes sociais.

O QUE ESSES MOVIMENTOS TÊM EM COMUM?

Mobilização rápida: Devido à natureza das redes sociais, esses movimentos têm a capacidade de se mobilizar rapidamente em resposta a eventos ou crises.

Amplificação de causas: Os movimentos das praças muitas vezes amplificam causas específicas, como direitos humanos, justiça social, liberdade de expressão e outros temas políticos e sociais. Eles podem atrair uma gama diversificada de apoiadores em torno de uma causa comum (pão, liberdade e dignidade humana; “contra tudo que está aí”)



DESAFIOS E ARMADILHAS (EM 2012)

Cooptação *Política*

Gerbaudo observa que alguns movimentos podem ser cooptados por políticos ou partidos políticos que buscam capitalizar o apoio popular. Isso pode diluir as demandas originais do movimento e desviá-lo de seus objetivos iniciais.

Falta de *Estratégia Clara*

Muitos movimentos das praças têm dificuldade em desenvolver estratégias claras e a longo prazo para alcançar suas metas. A natureza horizontal e descentralizada desses movimentos pode tornar difícil a formulação de estratégias eficazes.

Fragmentação

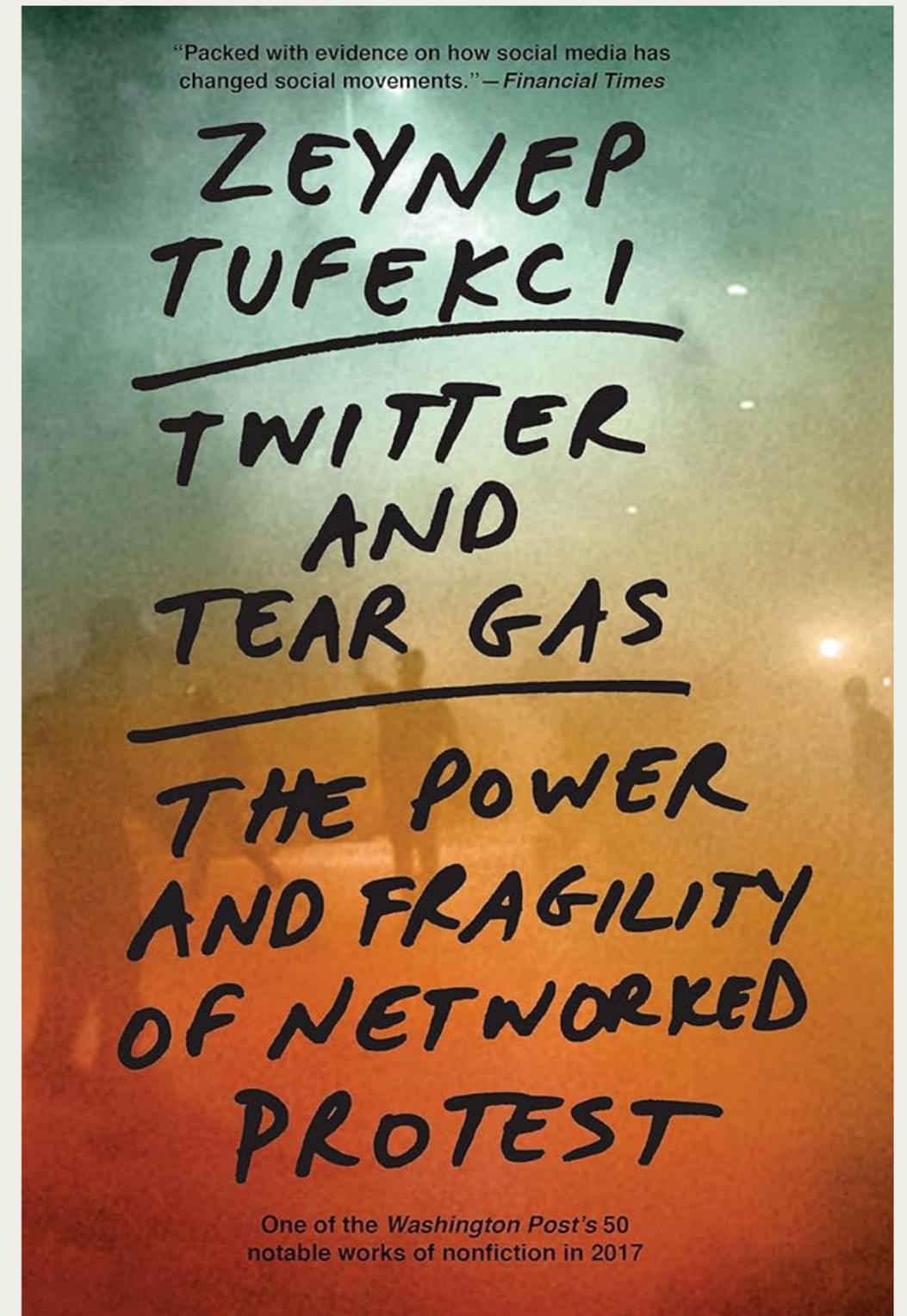
A descentralização e a diversidade de vozes nos movimentos podem levar à fragmentação e à falta de coesão em torno de uma causa comum.

Desafios de *Sustentabilidade*

Manter o ímpeto de um movimento ao longo do tempo pode ser um desafio, especialmente quando as demandas não são atendidas imediatamente. A mobilização online e a ação nas ruas podem perder força se não houver um plano sustentável.



“Essas plataformas da Internet aproveitam o poder dos efeitos de rede – quanto mais pessoas as usam, mais úteis elas são para mais pessoas. Com tantas pessoas já no Facebook, há grandes incentivos para novas pessoas entrarem no Facebook, mesmo que não gostem de algumas de suas políticas ou recursos. Os efeitos de rede também criam uma reviravolta para os ativistas que se sentem compelidos a usar qualquer que seja a plataforma dominante, mesmo que se sintam desconfortáveis com ela. Uma plataforma de mídia social perfeita sem usuários é inútil para o ativismo”



UM MOVIMENTO SOCIAL SEM MOVIMENTO SOCIAL

- A internet permite que os movimentos em rede cresçam rapidamente, mas muitas vezes falta-lhes capacidades organizacionais prévias para enfrentar desafios futuros.
- O uso eficaz de tecnologias digitais para mobilização pode evitar aspectos problemáticos da organização política.
- A capacidade de organizar sem organizações acelera o processo e permite grande escala em curtos prazos.
- A era pré-internet envolveu trabalho tedioso que aclimatou as pessoas aos processos de tomada de decisão coletiva e construiu resiliência nos movimentos.
- A resiliência é essencial para a sobrevivência e o sucesso a longo prazo dos movimentos, semelhante à aquisição de habilidades de montanhismo para alpinistas em escaladas anteriores.



“

Na era da rede, uma grande marcha ou protesto organizado não deve ser visto como o principal resultado da capacitação anterior de um movimento; em vez disso, deve ser encarado como o momento inicial da explosão do movimento em cena, mas apenas o primeiro estágio de uma jornada potencialmente longa”(TUFEKCI, 2017, pág. xiv)



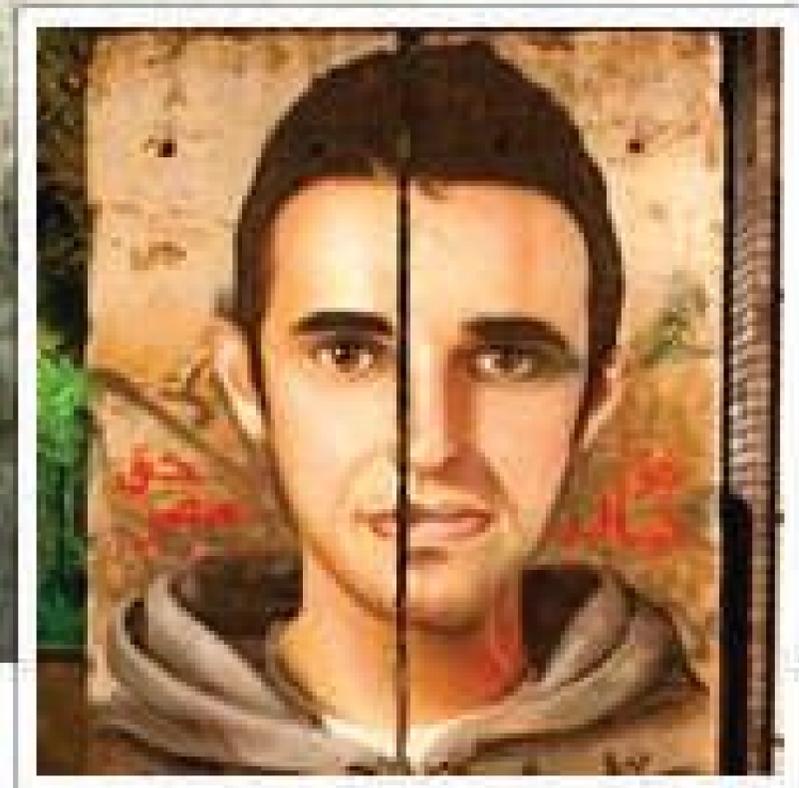
- Muitos desses desenvolvimentos têm raízes culturais e políticas anteriores à internet, mas são amplificados pela tecnologia.
- Protestos em rede têm pontos fortes e fracos únicos que desafiam nosso entendimento dos movimentos de protesto pré-digitais.
- O estilo expressivo e bem-humorado atrai muitos participantes, mas os movimentos enfrentam desafios a longo prazo.
- Dependem fortemente de plataformas online e ferramentas digitais para organização e publicidade, alegando não ter liderança formal.
- A participação aberta nem sempre é igualitária, e algumas pessoas emergem como porta-vozes informais com grande influência, apesar da falta de legitimidade formal.



We are all Khaled Said



We are all Khaled Said
Society/Culture Website



Timeline

About

Notes

Likes



**TARIFA
ZERO!**

**PELO DIREITO
DE IR E VIR**



Movimento Passe Livre

LIDERANÇAS INFORMAIS

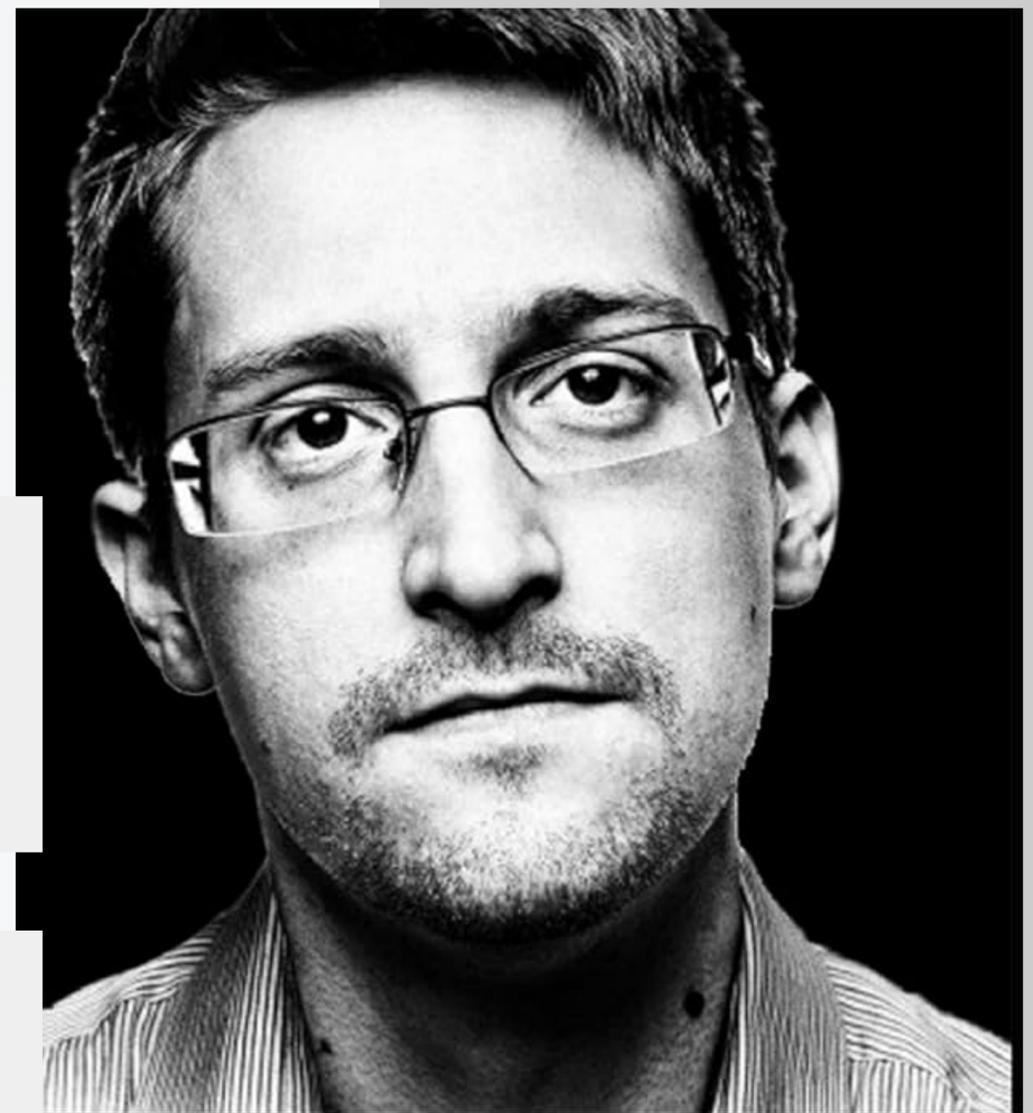
- A falta de liderança participativa e o horizontalismo são fontes de força, mas também podem ser traiçoeiros a longo prazo.
- Esses movimentos carecem de mecanismos para tomar decisões diante de desacordos entre os participantes.
- A tática inicial que une as pessoas muitas vezes é repetida, mas não permite ajustes estratégicos.
- A falta de estrutura organizacional torna difícil superar impasses e conflitos.
- O rápido crescimento impulsionado pela tecnologia e a falta de institucionalização são características marcantes dos movimentos em rede.



A DISTOPIA

A partir dos vazamentos de Edward Snowden em 2013, começou a surgir uma onda de análises tecno-pessimistas em relação ao ativismo digital.

Essas abordagens destacam preocupações e críticas sobre o uso das tecnologias digitais para fins de ativismo político e social.



EDWARD SNOWDEN

America's Whistleblower

SINNER OR SAINT?

PHIL COLEMAN



A ERA DO CAPITALISMO DE VIGILÂNCIA

A LUTA POR UM FUTURO HUMANO NA NOVA FRONTEIRA DO PODER

SHOSHANA ZUBOFF

THE PEOPLE'S PLATFORM TAKING BACK POWER AND CULTURE IN THE DIGITAL AGE

ASTRA TAYLOR

"There have been a lot of books about how the Internet is changing our world, but this is absolutely one of the best" DAVID BYRNE

THE INTERNET IS NOT THE ANSWER

ANDREW KEEN

"Andrew Keen has written a very powerful and daring manifesto questioning whether the Internet lives up to its own espoused values. He is not an opponent of Internet culture; he is its conscience, and must be heard."—Po Bronson

HACKER, HOAXER, WHISTLEBLOWER, SPY

THE MANY FACES OF ANONYMOUS

GABRIELLA COLEMAN WITH A NEW AFTERWORD

"ESSENTIAL READING." — GLENN GREENWALD

DATA AND GOLIATH

The Hidden Battles to Collect Your Data and Control Your World

BRUCE SCHNEIER

"The public conversation about surveillance in the digital age would be a good deal more intelligent if we all read Bruce Schneier first." —MALCOLM GLADWELL

Reclaiming Conversation

The Power of Talk in a Digital Age

Sherry Turkle

AUTHOR OF ALONE TOGETHER



THE DARK NET

Inside the Digital Underworld

Jamie Bartlett

"A hell of an achievement . . . Buy it and read it." —The Times (London)

Dataclysm

Who We Are*

Christian Rudder

*When We Think No One's Looking

O sucesso editorial

NOVAS ANÁLISES

Vigilância em *Massa*

Os vazamentos de Snowden revelaram programas de vigilância em massa conduzidos por agências de inteligência, como a NSA dos Estados Unidos. Isso levantou preocupações sobre a privacidade dos ativistas e o potencial monitoramento de suas comunicações online, minando a confiança na segurança das tecnologias digitais.

Censura e *Controle Estatal*

Em muitos países, as autoridades têm usado tecnologias digitais para censurar e controlar a comunicação online, restringindo a liberdade de expressão e a capacidade de organização dos ativistas.

Manipulação *de Informação*

As redes sociais e as mídias digitais também são suscetíveis à disseminação de informações falsas e à manipulação de discursos políticos. Isso pode prejudicar a credibilidade e a eficácia do ativismo online.

Centralização *de Poder*

Grandes empresas de tecnologia, como Google, Facebook e Twitter, desempenham um papel central na infraestrutura da internet. Isso levanta preocupações sobre o poder concentrado nas mãos dessas empresas e sua capacidade de controlar o acesso à informação e moldar o ativismo online.

NOVAS ANÁLISES

Coopção *Comercial*

A comercialização das redes sociais e plataformas online pode levar à cooptação do ativismo, à medida que empresas buscam lucro e adotam práticas que priorizam o engajamento do usuário em detrimento da qualidade do discurso político.

Ataques *cibernéticos*

Ativistas e grupos políticos podem ser alvos de ataques cibernéticos, incluindo ataques de negação de serviço (DDoS) e invasões de sistemas. Isso pode prejudicar a capacidade dos ativistas de operar online.

Exclusão *Digital*

falta de acesso igualitário à internet e a habilidade de usar tecnologias digitais podem excluir grupos marginalizados da participação no ativismo online, criando desigualdades.

Desencanto *e Apatia*

O conhecimento das ameaças à privacidade e à segurança online pode levar à desilusão e à apatia entre os ativistas, resultando em uma diminuição da participação.

O QUE TEMOS HOJE?

Ascensão de movimentos de extrema-direita

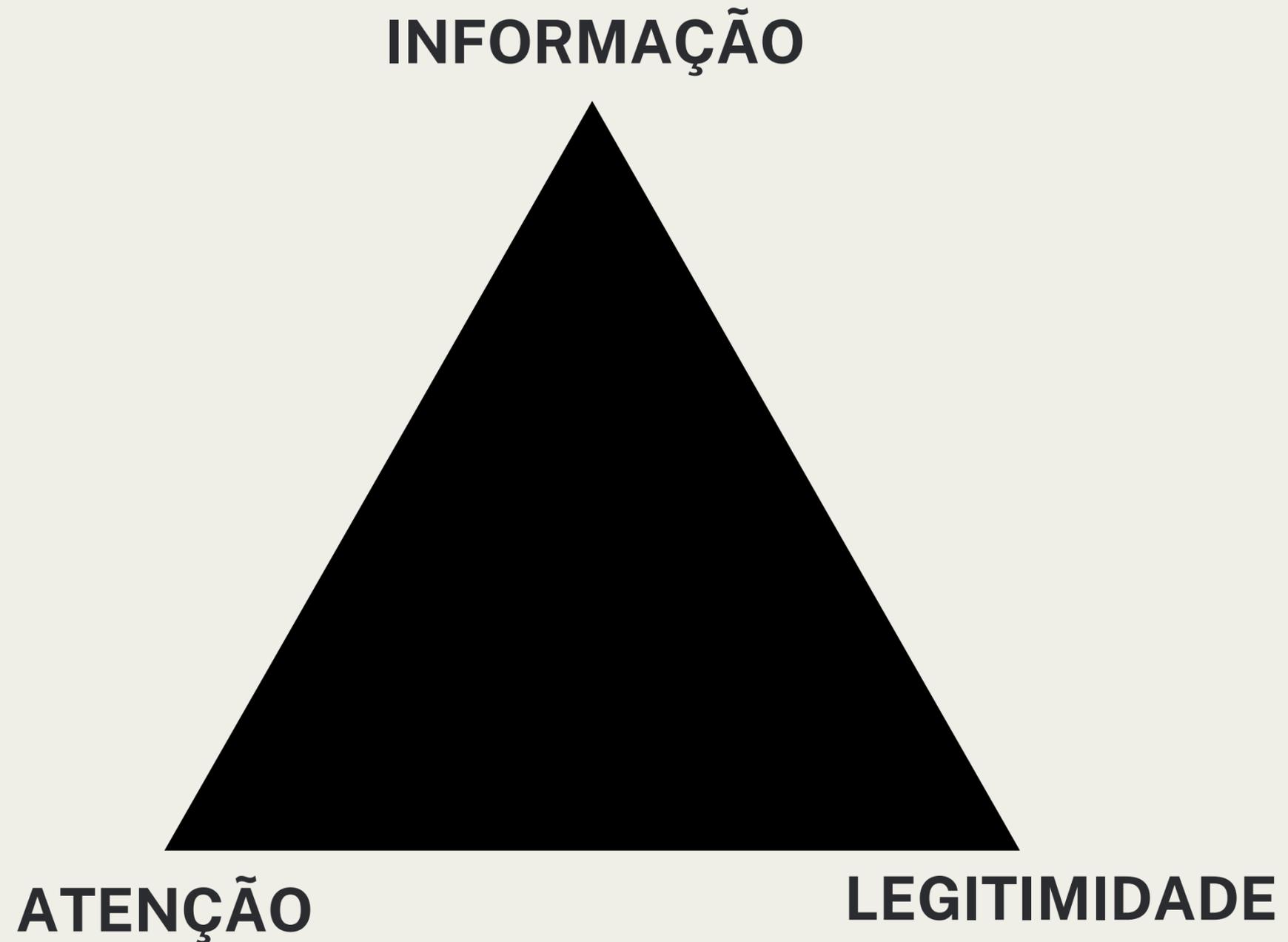
Desinformação e ataques de ódio

A coleta em massa de dados pessoais

Monopólios e abuso de poder

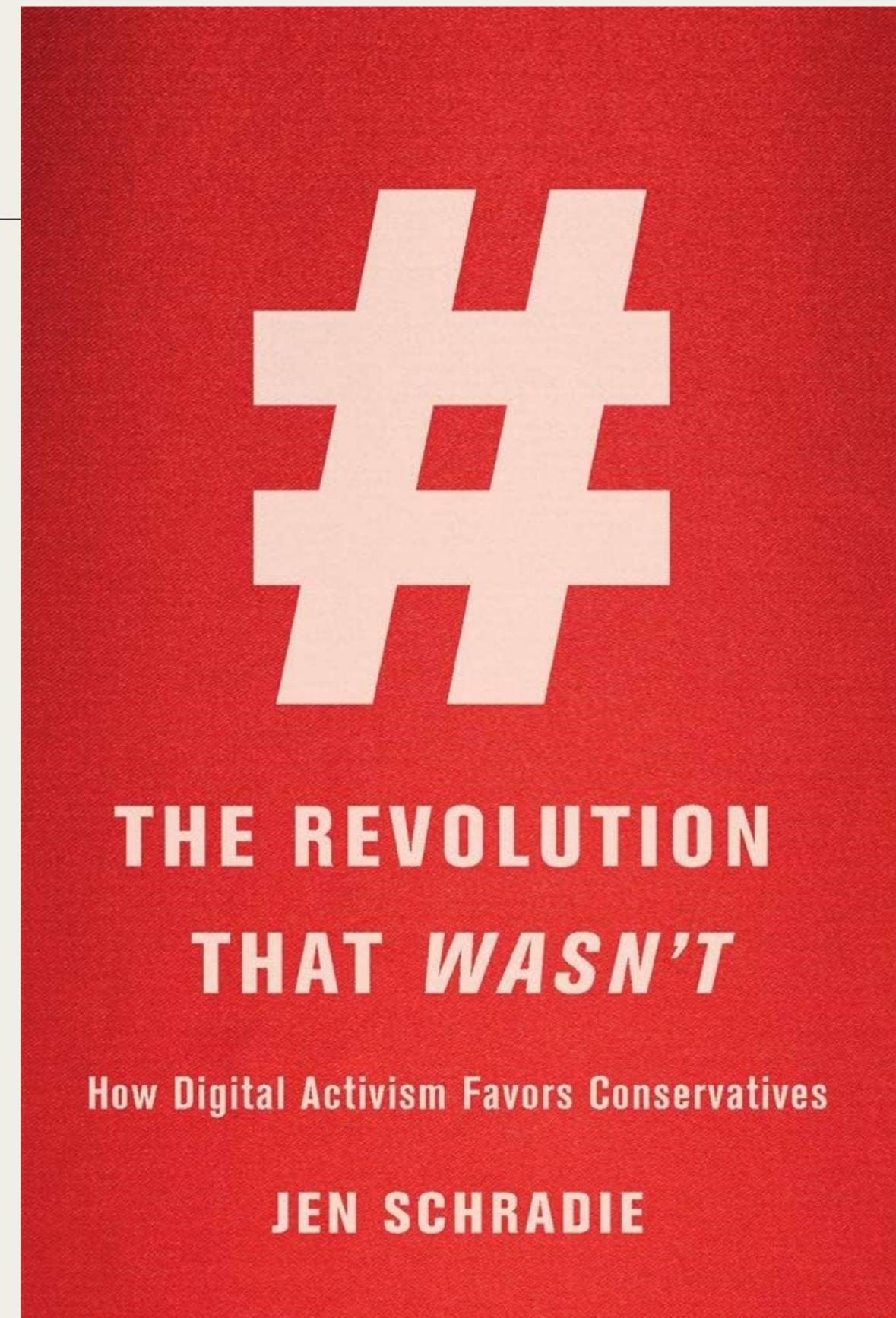


MÍDIAS TRADICIONAIS X MÍDIAS DIGITAIS



PORQUE A EXTREMA-DIREITA?

- O livro argumenta que a visão comum de que a internet democratiza o ativismo e favorece movimentos progressistas não é totalmente precisa. Schradie sugere que a tecnologia digital muitas vezes beneficia mais os conservadores do que os progressistas.
- Schradie discute a existência de uma "divisão digital" no ativismo. Ela argumenta que grupos de ativismo conservador têm mais recursos e acesso à tecnologia, enquanto grupos progressistas podem enfrentar desafios de financiamento e recursos tecnológicos.



UMA CORRIDA

- O ativismo digital exige trabalho e recursos significativos, indo além das expectativas simplistas.
- Organizações com mais tempo, dinheiro, pessoal e estrutura têm uma vantagem na utilização eficaz do ativismo digital.
- Organizações de base com recursos limitados podem ficar para trás nesse contexto.
- Um ecossistema de mídia digital de direita já estava estabelecido antes da campanha de Trump e desafiou os estereótipos sobre o ativismo digital de esquerda e direita.
- O livro destaca a desigualdade no terreno digital que deixou grupos de esquerda trabalhadores para trás e posicionou grupos reformistas de direita na vanguarda do ativismo digital.

TRÊS FATORES SE SOBREPÕEM PARA DAR VANTAGEM A GRUPOS NO ATIVISMO DIGITAL:

Classe

Grupos de classe média/alta têm mais acesso, habilidades e recursos para ativismo digital, enquanto os grupos de classe trabalhadora enfrentam desafios de acesso e repressão online.

Organização

Grupos com infraestrutura organizacional eficaz são mais eficientes no ativismo digital, enquanto grupos horizontais têm dificuldade em manter altos níveis de participação online.

Ideologia

Grupos de direita se uniram para disseminar sua "verdade" online, enquanto grupos progressistas eram fragmentados e muitas vezes focados em encorajar a participação em massa em vez de informações em massa.



INTERNET E O DIGITAL

- Grupos conservadores tinham uma estratégia unificada e viam a internet como um canal para o poder, enquanto grupos progressistas frequentemente subutilizavam a internet em comparação com os meios tradicionais de organização.
- A internet tendeu a reproduzir desigualdades de poder existentes



The screenshot shows the top portion of a news article on the EXTRA website. The header includes a menu icon, a search bar with the word 'Buscar', the EXTRA logo, and the word 'Brasil'. The main headline is 'Exclusão digital: Brasil ainda tem 36 milhões de pessoas sem acesso à internet, aponta pesquisa'. Below the headline is a sub-headline: 'Negros e pardos são maioria; país possui 149 milhões de usuários, sendo que 62% só se conectam pelo celular'. The article date is '16/05/2023 11h20' and it is noted as 'Atualizado há 3 meses'. There are social media sharing icons for Facebook, Twitter, WhatsApp, and LinkedIn. A video player is visible at the bottom of the article preview, showing a person's hands holding a smartphone.

<https://extra.globo.com/brasil/noticia/2023/05/exclusao-digital-brasil-ainda-tem-36-milhoes-de-pessoas-sem-acesso-a-internet-aponta-pesquisa.ghtml>



DESAFIOS

- 1. Habilidades (Skills)**
- 2. Empoderamento (Empowerment)**
- 3. Tempo (Time)**



OBRIGADA!

Vitória Paschoal Baldin
vitoria.pbaldin@gmail.com

